

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo

Class.: 20

Data: 20/12/81

Pg.: _____

Índios desconhecidos do Acre atacam seringais

Do correspondente em
RIO BRANCO

Índios arredios ainda não identificados vêm atacando com frequência seringueiros e índios aculturados que habitam as cabeceiras dos rios na fronteira do Acre com o Peru. Eles andam nus e atacam com flexas e espingardas roubadas, atirando para matar. Em seguida desaparecem na mata fechada da região, levando roupas, alimentos, armas e munições. A Ajudância da Funai no Acre tem recebido várias denúncias desses ataques nos últimos cinco anos. Em uma delas, seringalistas de Tarauacá apresentaram uma fita gravada em que as pessoas atingidas relatam como foram atacadas e prometem organizar "correrias" (expedições punitivas), caso a Funai não tome providências para atrair e "domesticar" os índios. As denúncias mais recentes vêm do município de Feijó, no vale do Juruá, onde um grupo aculturado dos campos, que tem aldeia no Alto Envira, está sendo atacado.

Na semana passada, o cacique Iram, desse grupo, levou a Rio Branco o jovem Cunxaré que foi baleado nas costas. Outro membro da tribo, Minanco, foi atingido nas pernas. Seringueiros e índios aculturados de outros grupos (culina e caxinaua) vivem assustados e já se organizam para resistir às investidas, enquanto pedem à Funai que forme uma frente de atração para contactá-los. Mas o chefe da Ajudância, Benamour Fontes da Silva, vê dificuldades "diplomáticas" para organizar a expedição, alegando que os índios arredios vivem em terras peruanas.

Os relatos feitos por seringueiros e índios aculturados revelam uma situação grave devido ao grau de violência dos atacantes. O campo Cunxaré disse que só escapou porque, após ser baleado, caiu num igarapé e foi dado como morto. A mulher de um seringueiro do Alto Tarauacá, Maria Paulina, atacada no ano passado, prestou um depoimento que comprova essa violência. Ela se encontrava em casa tirando coco para temperar um jabuti quando três índios surgiram da mata e a flecharam. Atendida na coxa e no tornozelo, correu para um igarapé próximo, sendo perseguida por eles. Na corrida ainda levou uma paulada enquanto um índio gritava: "Mata, mata". O marido a encontrou muitas horas depois no igarapé, quase morta. Outra mulher, Olindina, foi atingida por tiros de chumbo nas nádegas e na cabeça. Foi salva pelos cachorros de sua casa, que descobriram os atacantes escondidos numa moita. Mais de uma dezena de seringueiros já foram atacados e roubados nos rios Tarauacá, Gregório, Jordão e outros.

Os índios arredios se deslocam com facilidade pelas matas da região. Os seringueiros percebem quando eles estão por perto, mas não conseguem vê-los. Nem os campos, considerados excelentes "mateiros", conseguiram localizá-los. Eles chegam a andar de costas para despistar e empregam outros truques. Cunxaré, quando foi atacado, conseguiu vê-los e diz que possuem a pele branca e rostos arredondados. Essas características, aliadas ao dialeto

por eles usado, fazem crer que pertencem ao grupo jaminaua, do lado peruano da fronteira. Cunxaré presume que sejam 30 a 40 índios.

O antropólogo Terri Vale de Aquino, que conhece bem a região e já conviveu com os caxinaua do rio Jordão, afluente do Tarauacá, acredita que são índios arredios remanescentes das "correrias" feitas pelos seringalistas na década de 50. Acha que eles atacam para roubar armas, munição e instrumentos de trabalho, como enxada, machado e facão. Levanta ainda a hipótese de que estejam sendo vítimas de perseguições no lado peruano. O antropólogo informou que, no ano pas-

sado, os caxinaua chegaram a formar uma expedição com seringueiros para caçá-los. Isso porque os seringalistas queriam atribuir os ataques aos caxinauas.

Alguns seringueiros do rio Jordão e de outras áreas já abandonaram esses locais temendo os ataques. Por diversas vezes encontraram sinais evidentes de que seriam as próximas vítimas. Nas estradas de "seringa" (caminhos dentro da mata que levam às árvores de onde se extrai o látex), encontraram "estrepes" — espécies de armadilhas feitas com tabocas, afiadas como facas — e sepulturas abertas, como avisos de que seriam mortos.

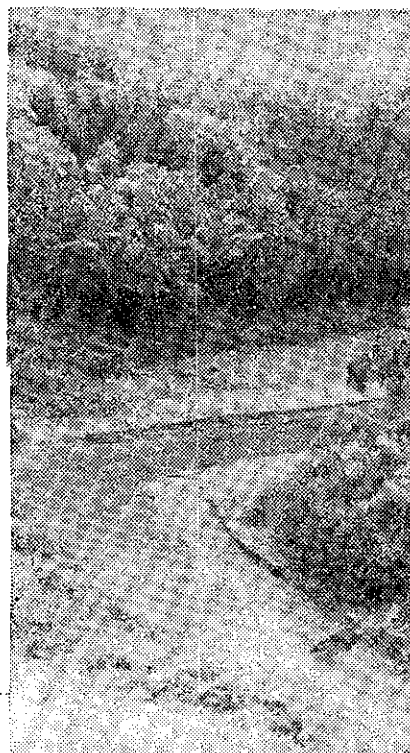
"AMANSADORES"

As matas ao longo dessa fronteira (que possui uma extensão de 2.600 quilômetros) são extremamente fechadas e pouco habitadas. Existem na região alguns grupos de índios campos, culina e caxinaua num total de cerca de mil pessoas, e outro tanto de seringueiros. Estes, cada vez mais, estão afastando-se da área onde os índios arredios costumam aparecer. Nessa região, a distância entre uma moradia e outra de seringueiros, a pé por dentro da mata, pode levar dias. É a partir de 1 hora da madrugada que os seringueiros têm de cortar ("Sangrar") as árvores, voltando apenas no começo da tarde do dia seguinte. Nesse período, suas mulheres e crianças ficam sozinhas no pequeno claro aberto na mata, expostos aos ataques.

Em ambientes como esse desenvolveram-se, no começo do século e durante a Segunda Guerra Mundial, as famosas "correrias" contra os índios. Eram expedições punitivas que os seringalistas organizavam para afastá-los do território, ampliando seus latifúndios e assegurando as seringueiros tranqüilidade para produzir mais borracha. Nessa região do Tarauacá e do Envira, as "correrias" foram mais intensas e violentas, com o conseqüente extermínio de tribos inteiras.

Nessas "correrias", destacaram-se Pedro Bilo e Felizardo Cerqueira, dois temidos "amansadores de índios". Eles atuaram até a década de 50 a serviço dos seringalistas da região. Pedro Bilo ainda hoje vive no Alto Envira, prestando serviços de "mateiro" para os grupos Atalla e Atlântica Boavista, que compraram as terras da família Prado, compreendendo mais de 30 seringais.

Felizardo Cerqueira chegou a ter mais de 800 índios aos seus cuidados, no rio Tarauacá, e ficou famoso por colocar sua marca "FC" naqueles que



Aqui os índios atacam

dizia ter "amansado". Alguns desses índios, da tribo Caxinaua, já velhos, ainda exibem a marca humilhante da dominação.

Os casos mais graves de "correrias", segundo os habitantes da área, ficaram, contudo, por conta de Pedro Bilo, filho de índio educado por seringalistas da família Prado. Seu pai também se chamava Pedro Bilo e fora chefe de "correrias" no começo do século. Casou-se com uma índia que foi morta por companheiros de sua tribo, como punição. Pedro Bilo Filho era criança e alimentou o ódio contra os matadores de sua mãe.

Por sua fama de "amansador de índio", Pedro Bilo foi chamado, recentemente, para atrair e dominar os índios arredios que atacam na fronteira. O "mateiro" recusou-se, temendo complicações com a Funai. Em 1976, ele foi preso por agentes federais e chegou a depor em Rio Branco sobre as "correlas" que realizou na década de 50. Sua prisão foi solicitada pelo então responsável pela Fundação no Acre, Porfírio Carvalho, que ainda o perseguiu por algum tempo. Na opinião de Bilo, os índios arredios são alguns dos que "amansou" em 1955. Eles teriam seguido para o Peru e decidido não conviver mais com "brancos". "Querem só mesmo roubar e matar a gente", afirma Bilo.